

UNIDADE 1

PANORAMA DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Texto didático 3

IDADE MÉDIA E MODERNIDADE – SENTIDO E REFERÊNCIA EM FREGE

Beto Vianna

IDADE MÉDIA E MODERNIDADE

Vimos no texto 2 que a autoridade aristotélica marca a filosofia medieval. Mas essa é metade da história. Há muito preconceito na divisão de períodos da Idade Média, em especial os séculos V ao IX da era cristã, a “idade das trevas”. Se trevas é ausência de atividade intelectual, não é o caso. Em nossa cultura de letras (ver texto 1), bom é o que está escrito, de preferência em língua de prestígio. Mas, nessa época, filósofos bizantinos e islâmicos (para ficarmos nesse canto do mundo) avançaram discussões que herdamos na filosofia da linguagem. No Bizâncio, a ligação com a igreja ortodoxa levou os estudiosos a uma abordagem instrumental da língua, de interpretação das escrituras, mas também da tradição clássica (de que a cultura bizantina é a sucessora helênica). Photios (810 a 893) elaborou com seus alunos o *Léxeon*, que analisava a língua grega para facilitar a leitura de textos antigos. Al-Farabi (que deu origem ao termo alfarrábio), filósofo islâmico do século IX mencionado no texto 2, não só comentou Aristóteles, mas desenvolveu sistemas próprios. Para Al-Farabi, um conceito é verdadeiro (*ṣādiq*) se for o mesmo no mundo e na alma (na mente). Nesse sentido, o conceito não precisa ser uma **PROPOSIÇÃO**. Por exemplo, “vácuo” não é verdadeiro, pois há na mente, mas não há no mundo. Com o risco de estropolar a tese original de Al-Farabi, uma consequência plausível disso é que, se há um ente no mundo, mas não na linguagem, tampouco é verdadeiro, lembrando o aforismo “O mundo é tudo que é o caso” do primeiro Wittgenstein (2001, p. 135).

São recorrentes os debates medievais entre nominalismo e naturalismo (ver texto 2), o exame dos universais, e a questão da referência. A que se refere um nome comum como “mesa”? Se não se refere a um objeto particular, mas a uma classe com qualidades abstratas (a “mesidade”), ele não reflete um ente universal no mundo? Quando Pedro Abelardo (século XII) defende que os universais são um fenômeno lingüístico, é criticado pois, a menos que os nomes se refiram a itens particulares, eles não terão sentido. Em resposta, Abelardo distingue duas propriedades semânticas dos nomes: referência (*nominatio*), a que o termo se aplica; e sentido (*significatio*), o que ouvir o termo traz à mente, o conteúdo do conceito. Quase Frege. A contribuição mais duradoura de Abelardo não foi sua filosofia da linguagem, mas seu romance com a jovem freira e também erudita Heloísa de Argenteuil, com quem teve um filho e se casou secretamente (busque **HELOÍSA E ABELARDO**).



Heloísa e Abelardo ilustrados
no *Roman de la Rose*, séc XIV

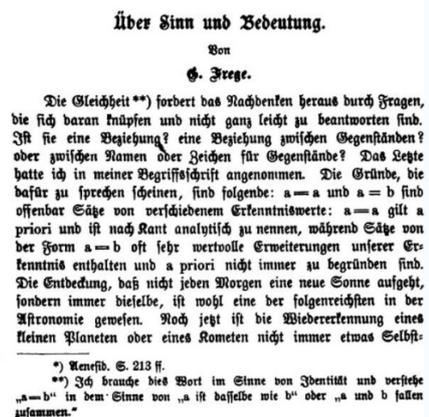
Na modernidade, enquanto a Europa se impõe como potência colonial, descobre as filosofias indianas da linguagem, e a escrita chinesa influencia a criação de **LÍNGUAS FILOSÓFICAS**, como a *lingua generalis*, de Leibniz. Interessa-nos aqui a epistemologia do século XVII, no nascimento da ciência moderna, que, se não lida diretamente com uma filosofia da linguagem, muda o modo de pensar as relações entre linguagem, mente e mundo. Trata-se do **RACIONALISMO** de Descartes e a mente como espelho da natureza no **EMPIRISMO** de Locke, mais tarde sintetizados por Kant. Um sujeito do conhecimento que experiencia o mundo (ver o texto de Almeida, 2017, p. 92) abre o caminho para a noção de representações privilegiadas, ou acesso privilegiado à realidade, um conceito tão filosófico quanto político.

SENTIDO E REFERÊNCIA EM FREGE

Assim como Marx não era marxista, e Freud não era freudiano, Frege (1848-1925) inaugurou a nova filosofia da linguagem (a linguagem como método de análise filosófica), sem ter sido filósofo da linguagem. Era um matemático, ou um filósofo da matemática. O único livro de teor filosófico que publicou, *Os fundamentos da aritmética*, tinha conteúdo matemático, e seus textos só circulavam em língua alemã. Só depois de sua morte, seus escritos filosóficos foram traduzidos para o inglês, por alunos de Wittgenstein. Frege viveu relativamente distante da comunidade de filósofos, e suas ideias se espalharam mais tarde, graças ao empenho de Russell, Wittgenstein e Carnap, fundador do **CÍRCULO DE VIENA** (na Europa oriental, a recepção de Frege deveu-se a um grupo de lógicos poloneses interessados em semântica).

Assim, o texto postado nesta plataforma (MIRANDA, 2011), que traça os percursos de Frege em seu artigo "Sentido e referência", pode causar estranheza a muitos de nós, da área de letras, pouco acostumados a manusear problemas de **LÓGICA**, e talvez menos de matemática. Mas os filósofos da linguagem (muitos deles também matemáticos), não sentiam esse desconforto. Ao contrário, leram a abordagem de Frege como um caminho para a investigação de problemas filosóficos através da análise (lógica) da linguagem.

Por que, afinal, *Über Sinn und Bedeutung* ("sobre o sentido e a referência") de 1892, é tão aclamado nos estudos de linguagem? Em trabalhos anteriores, Frege queria substituir explicações psicológicas do julgamento do significado das sentenças por definições rigorosas. Seu objetivo não era estudar o significado, mas os fundamentos da **ARITMÉTICA**, respondendo questões como "o que é um número?" e "a que objetos as palavras numéricas (um, vinte e três etc) se referem?" Prosseguindo nessa linha, acabou analisando o que *significa*, chegando a conclusões que se mostraram úteis para a **FILOSOFIA ANALÍTICA**. Principalmente, as visões de Frege sobre a lógica (a ideia de que partes da língua são análogas aos argumentos de uma função matemática) levaram a uma teoria do significado e da referência.



Primeira página do artigo de Frege, em escrita *fraktur*, como se usava na Alemanha.

FUNÇÃO é uma relação entre dois conjuntos, ligando os elementos de um conjunto a elementos de outro. Isso pode assumir várias formas. **ARGUMENTO** é uma variável inserida na função. Em linguística, vem de Frege a noção de análise de predicados. Por exemplo, o **PREDICADO** "varrer" aceita dois argumentos, na função x varrer y ("Pedro varreu a casa"). Os conteúdos de x e y preenchem a função, ou seja, a frase. Essa construção substitui a estrutura sujeito-predicado que herdamos da lógica aristotélica, usada nas gramáticas tradicionais e análises estruturais (como em $S > SN, SV$). E há a questão da distinção entre sentido e referência. Na expressão $A = B$, parece haver uma relação de identidade entre os termos. Se é assim, podemos substituir B por A , com o resultado $A = A$. Mas as duas fórmulas exprimem a mesma relação? Sabemos que não, quando notamos a diferença entre a frase "Ana é a filha de Maria", e (sabendo que Ana e a filha de Maria são a mesma pessoa) a frase "Ana é Ana". O sentido (o modo de apresentar) de "Ana" é diferente de "a filha de Maria", ainda que a referência (o ente referido no mundo) seja a mesma.

O que os filósofos analíticos fizeram com as contribuições de Frege (embora não concordando sempre ou exatamente com seus postulados), foi utilizar o recurso à análise da linguagem (ou a parte lógica da linguagem, ou a linguagem entendida como lógica) para reexaminar os problemas filosóficos tradicionais. É a chamada virada linguística em filosofia, que discutiremos, se não chover, semana que vem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C. P. Reflexões sobre o papel da linguagem em Aristóteles e Wittgenstein. *Rónai: Revista de estudos clássicos e tradutórios*. v. 4, n. 2, p. 89-100, 2017.

AUROUX, S. *A filosofia da linguagem*. Campinas: Unicamp, 1998.

COSTA, C. *Filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

DUTRA, L. H. A. *Filosofia da linguagem: introdução crítica à semântica filosófica*. Florianópolis: UFSC, 2017.

FILOSOFIA DA LINGUAGEM – INTRODUÇÃO E PRINCIPAIS AUTORES. In: *Netmundi. Org: Filosofia na Rede*. Disponível em: <https://www.netmundi.org/filosofia/2019/filosofia-da-linguagem-introducao-e-principais-autores/>. Acesso em: 26/06/20.

FREGE, GOTTLÖB. *Cinco ensaios lógico-filosóficos*. Lisboa: Guimarães Editores, 2019

HODGES, W.; DRUART, T. al-Farabi's Philosophy of Logic and Language. In: ZALTA, N. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2016. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/al-farabi-logic/>. Acesso em: 26/06/20.

IERODIAKONOU, K.; BYDÉN, B. Byzantine Philosophy. In: ZALTA, N. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2016. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2018/entries/byzantine-philosophy/>. Acesso em: 26/06/20.

MIRANDA, S. R. N. *Fundamento*: Rev. de Pesquisa em Filosofia, v. 1, n. 3, P. 11-20, 2011.

O ROMANCE DA ROSA. *Biblioteca Digital Mundial*. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/593/>. Acesso em: 26/06/20.

PINTO, P. R. M.; MAGRO, C.; SANTOS, E. P. F.; GUIMARÃES, L. (orgs.). *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência*. Belo horizonte: UFMG, 1998.

RORTY, R. (ed.). *The linguistic turn: essays in philosophical method*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

_____. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

RUSSEL, B. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2001.